

MERCEDES RON

AUTORA BEST-SELLER INTERNACIONAL

Minha Culpa

UM FILME ORIGINAL

prime

UNIVERSO DOS LIVROS

Minha Culpa

MERCEDES RON

Culpa mía

Copyright © 2017 by Mercedes Ron

Copyright © by 2017 by Penguin Random House Editorial, S. A. U.

© 2024 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial

Luis Matos

Preparação

Ricardo Franzin

Gerente editorial

Marcia Batista

Revisão

Rafael Bisoffi

Marina Constantino

Produção editorial

Letícia Nakamura

Raquel F. Abranches

Arte

Renato Klisman

Tradução

Wallacy Silva

Diagramação

Nadine Christine

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057



R675m

Ron, Mercedes

Minha culpa / Mercedes Ron ; tradução de
Wallacy Silva. — São Paulo : Universo dos Livros,
2024.

400 p. (Série Culpados ; vol 1)

e-ISBN 978-65-5609-677-3

Título original: *Culpa mía*

1. Ficção argentina 2. Literatura erótica I. Título II.
Silva, Wallacy III. Série

24-1372

CDD AR863

Universo dos Livros Editora Ltda.
Avenida Ordem e Progresso, 157 — 8º andar — Conj. 803
CEP 01141-030 — Barra Funda — São Paulo/SP
Telefone: (11) 3392-3336
www.universodoslivros.com.br
e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Minha Culpa

MERCEDES RON

São Paulo
2024

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

Para minha mãe.

*Obrigada por ser minha amiga, minha confidente, tudo de que eu sempre
precisei e muito mais.*

Obrigada por fazer com que eu me apaixonasse pelos livros.

PRÓLOGO

— Me deixa em paz! — disse ela, se esquivando para sair pela porta. Agarrei os seus braços imediatamente e a obriguei a olhar para mim.

— Você pode me explicar o que está acontecendo? — perguntei, furioso.

Ela olhou para mim, e enxerguei naqueles olhos algo obscuro e profundo que ela tentava esconder. No entanto, sorriu sem alegria.

— Esse é o seu mundo, Nicholas — falou com calma. — Estou simplesmente vivendo a sua vida, aproveitando a companhia dos seus amigos e achando que não tenho problemas. É assim que você vive, e é assim que você acha que eu tenho que viver também — ela terminou e deu um passo para trás, afastando-se de mim.

Eu não acreditava no que estava ouvindo.

— Você perdeu completamente o controle — ralhei, baixando o tom de voz.

Não gostava do que meus olhos viam. Eu achava que estava apaixonado por aquela garota, mas ela parecia estar se transformando em outra pessoa. Mas, pensando bem... o que ela estava fazendo, a maneira como estava fazendo aquilo... era o que eu tinha feito, a mesma coisa que eu fazia antes de conhecê-la. Eu a tinha colocado nessas situações: era tudo minha culpa. Era minha culpa que ela estivesse se autodestruindo.

De certa maneira, tínhamos invertido os papéis. Ela apareceu e me tirou do buraco em que eu estava enfiado, mas, ao fazer isso, acabou trocando de lugar comigo.

1

NOAH

Enquanto abria e fechava a janela do carro novo da minha mãe, não conseguia parar de pensar no ano infernal que teria pela frente. Ainda me perguntava como tínhamos acabado assim, indo embora de nossa própria casa para atravessar o país até a Califórnia. Três meses haviam se passado desde que eu recebera aquela péssima notícia, que mudaria completamente a minha vida, que me fazia querer chorar todas as noites, que me fazia implorar e esbravejar como se ainda tivesse onze anos de idade, não dezessete.

Mas o que eu poderia fazer? Não era maior de idade. Ainda faltavam onze meses, três semanas e dois dias para eu completar dezoito anos e poder ir à faculdade. Queria ir para bem longe dessa mãe que só pensava em si mesma, para longe daqueles desconhecidos com quem eu iria morar. Porque, de agora em diante, eu teria que dividir a minha vida com duas pessoas completamente desconhecidas. E, para piorar, eram dois caras.

— Dá para parar de fazer isso? Está me deixando nervosa — minha mãe pediu, enquanto colocava a chave na ignição e dava partida no carro.

— Fico nervosa com várias coisas que você faz e tenho que aguentar — respondi, malcriada. O suspiro profundo que veio em resposta se tornara algo tão rotineiro que nem me surpreendeu.

Mas como é que ela podia me obrigar a isso? Será que os meus sentimentos não lhe importavam? “Claro que sim”, ela tinha respondido enquanto nos afastávamos da minha querida cidade. Já fazia seis anos que meus pais tinham se separado. E não aconteceu de maneira convencional, muito menos agradável. Foi um divórcio traumático, mas eu tinha, enfim, conseguido superar tudo... ou pelo menos continuava tentando fazer isso.

Era muito difícil me adaptar às mudanças, tinha pavor de estar com estranhos. Não sou tímida, mas sou muito reservada com minha vida particular, e essa história de ter que dividir todas as horas do dia com duas pessoas que eu mal conhecia me deixava ansiosa, com vontade de sair do carro e vomitar.

— Ainda não consigo entender por que você não me deixa ficar — falei, tentando convencê-la pela enésima vez. — Não sou criança, sei me cuidar muito bem... Além do mais, vou para a faculdade no ano que vem, e, no fim das contas, vou morar sozinha... É a mesma coisa — argumentei para ver se ela pensava direito, sabendo que eu estava coberta de razão.

— Não vou perder o seu último ano de escola, e quero aproveitar a companhia da minha filha antes que você vá estudar fora. Noah, já falei um milhão de vezes: quero que você faça parte dessa nova família, você é minha filha... Meu Deus! Sério mesmo que você acha que vou deixá-la morar em outro país sem nenhum adulto e tão longe de mim? — ela respondeu sem tirar os olhos da estrada e fazendo gestos com a mão direita.

Minha mãe não entendia o quanto tudo isso era difícil para mim. Ela estava começando uma vida nova com um marido novo, que teoricamente gostava dela. Mas e eu?

— Você não entende, mãe. Você não parou para pensar que também é o meu último ano de escola? Que vou abandonar minhas amigas, meu namorado, meu trabalho, meu time? Minha vida inteira, mãe! — gritei, com esforço para segurar as lágrimas. Era óbvio que aquela situação era demais para mim. Eu nunca, repito, *nunca* chorava na frente de ninguém. Chorar é para os fracos, para quem não consegue controlar o que está sentindo. Ou, no meu caso, para quem chorou tanto durante a vida que decidiu não derramar mais nenhuma lágrima.

Aqueles pensamentos me fizeram lembrar do começo de toda aquela loucura. Estava muito arrependida de não ter acompanhado a minha mãe naquele cruzeiro pelas ilhas Fiji. Porque foi lá, em uma embarcação no meio do Pacífico Sul, que ela tinha conhecido o incrível e enigmático William Leister.

Se eu pudesse voltar no tempo, não hesitaria nem por um instante em dizer sim para minha mãe quando ela apareceu, em meados de abril, com duas passagens para viajarmos nas férias. Tinha sido um presente da melhor amiga dela, Alicia. A coitada havia sofrido um acidente de carro e quebrara a perna direita, um braço e duas costelas. Obviamente, não ia conseguir ir

com o marido para as tais ilhas, por isso, deu a viagem de presente para minha mãe. Mas vejamos... Meados de abril? Naquela época, eu tinha provas finais e estava muito envolvida nos jogos de vôlei. Meu time estava em primeiro lugar, quando sempre estive em segundo, desde que me entendia por gente. Era uma das maiores alegrias da minha vida. Bem, agora, ao ver as consequências daquela viagem, eu devolveria o troféu, sairia do time e não teria me importado de reprovar nas aulas de literatura e espanhol. Faria de tudo para evitar que esse casamento acontecesse.

Casamento em alto-mar! Minha mãe estava completamente doida! Além disso, ela se casou sem me falar nada. Só descobri quando ela voltou, e ainda por cima me contou na maior tranquilidade, como se casar com um milionário no meio do oceano fosse a coisa mais normal do mundo... A situação era surreal, e ela ainda queria se mudar para uma mansão na Califórnia, nos Estados Unidos. Não era nem no meu país! Eu nasci no Canadá, apesar de minha mãe ser do Texas e meu pai do Colorado, e gostava muito de onde vivia. Era tudo o que eu conhecia...

— Noah, você sabe que eu quero o melhor para você — minha mãe falou, trazendo-me de volta à realidade. — Você sabe de tudo por que eu passei, tudo por que nós passamos, e finalmente encontrei um bom homem, que gosta de mim e que me respeita... Fazia muito tempo que eu não me sentia assim tão feliz... Eu preciso disso, e sei que você também vai gostar. Além disso, você pode ter um futuro que não passava nem perto das nossas expectativas. Você poderá ir para a faculdade que quiser, Noah.

— É que eu não quero ir para uma faculdade dessas, mãe, muito menos que um desconhecido pague tudo para mim — rebati, sentindo calafrios ao pensar que, dentro de um mês, começaria a estudar em uma escola de filhinhos de papai, cheia de gente rica.

— Não é um desconhecido, é o meu marido. É melhor ir se acostumando — ela adicionou, em um tom mais afiado.

— Nunca vou me acostumar — respondi, tirando os olhos do rosto dela e passando a encarar a estrada.

Minha mãe suspirou de novo e eu torci para a conversa ter acabado. Não queria mais continuar falando.

— Eu sei que você vai ficar com saudade do Dan e dos seus amigos, Noah, mas veja pelo lado bom: você vai ter um irmão! — exclamou animada.

Virei de novo para ela com os olhos cansados.

— Por favor, não me venha com essa propaganda enganosa.

— Mas você vai adorar, o Nick é um amor — ela afirmou, sorrindo para a estrada. — Um rapaz maduro e responsável, que com certeza está morrendo de vontade de apresentá-la a todos os amigos dele e levá-la para conhecer a cidade. Sempre que nos encontramos, ele estava no quarto dele estudando ou lendo um livro. Talvez vocês tenham até o mesmo gosto literário.

— Ah, claro... Ele deve amar Jane Austen — respondi, revirando os olhos. — Quanto anos ele tem mesmo? — Eu já sabia. Fazia meses que a minha mãe não parava de falar dele e do Will. Eu, por outro lado, achava muito irônico que meu “irmão” não tivesse feito o mínimo esforço para me conhecer. Eu ia morar com uma família nova e nem sequer conhecia as pessoas. Era inacreditável.

— Ele é um pouco mais velho, mas você é mais madura do que as meninas da sua idade. Vai gostar dele.

E agora ela queria puxar o meu saco... “Madura.” Acho que essa palavra não me definia muito bem. Além do mais, duvidava de que um rapaz de quase vinte e dois anos quisesse me mostrar a cidade ou me apresentar aos amigos dele. Coisas que eu nem queria mesmo, de qualquer maneira.

— Chegamos — minha mãe anunciou em seguida.

Meu olhar se voltou para as altas palmeiras e para as ruas que separavam as mansões monumentais. Cada umas das casas ocupava pelo menos meia quadra, algumas em estilo inglês, outras em vitoriano... Mas havia muitas casas modernas, com paredes de vidro e jardins imensos. Comecei a ficar assustada ao perceber que, à medida que avançávamos pela rua, as casas iam ficando cada vez maiores.

Finalmente chegamos a umas portas imensas de três metros de altura. Como se fosse a coisa mais normal do mundo, minha mãe tirou um dispositivo do porta-luvas, apertou um botão e as portas começaram a se abrir. O carro avançou um pouquinho mais e descemos uma ladeira flanqueada por jardins e pinheiros altos exalando um perfume agradável de verão e mar.

— A casa não é tão alta como as outras da região, por isso, temos a melhor vista da praia — ela comentou com um grande sorriso. Virei para ela e a observei, como se não a reconhecesse. Será que não tinha notado tudo aquilo ao nosso redor? Será que ela não achava tudo grande demais para a gente?

Não tive tempo de formular as perguntas em voz alta porque finalmente chegamos à casa. Só consegui me expressar com duas palavras:

— Meu Deus!

A casa era toda branca, com telhado alto cor de areia. Parecia ter pelo menos três andares, mas era difícil dizer, já que havia tantas sacadas, tantas janelas, tanto de tudo... Diante de nós, havia um alpendre impressionante com as luzes acesas, já que havia passado das sete da noite, o que dava ao edifício um aspecto de encantado. O sol se punha e o céu estava tingido de muitas cores, que contrastavam com o branco imaculado do lugar.

Minha mãe desligou o motor depois de dar uma volta no chafariz e estacionar na frente das escadas que nos levariam para a porta principal. A primeira impressão que tive ao descer foi de ter chegado ao hotel mais luxuoso de toda a Califórnia. Mas não era um hotel. Era uma casa... Supostamente um lar... Ou pelo menos era isso que a minha mãe queria me mostrar.

Enquanto eu me preparava para sair do carro, William Leister apareceu à porta. Atrás dele estavam três homens vestidos como se fossem pinguins.

O novo marido da minha mãe não estava vestido como nas poucas vezes que eu tivera a honra de estar no mesmo lugar que ele. Em vez de um terno ou colete caro de marca, ele usava bermuda branca e camisa polo azul-clara. Calçava chinelos de praia nos pés e tinha o cabelo escuro despenteado, não lambido para trás. Tive de admitir que entendia o que a minha mãe tinha visto nele: era muito atraente. Também era muito mais alto do que a minha mãe e parecia se cuidar muito bem. Tinha um rosto harmonioso, ainda que fosse possível notar sinais da idade, como rugas e marcas de expressão. Em meio a seus cabelos pretos brilhavam alguns fios brancos, que davam a ele um ar interessante e maduro.

Minha mãe se apressou para abraçá-lo, como se fosse uma jovencinha. Eu fiz tudo no meu tempo. Desci do carro e andei até o porta-malas para pegar as minhas coisas.

Mãos enluvadas apareceram do nada e dei um pulo para trás, assustada.

— Eu pego suas coisas, senhorita — disse um dos homens vestidos de pinguim.

— Pode deixar comigo, obrigada — respondi, sentindo-me realmente incomodada.

O homem olhou para mim como se eu fosse maluca.

— Deixe o Martin ajudá-la, Noah — ouvi William Leister atrás de mim.

Soltei a minha mala a contragosto.

— Estou muito feliz por vê-la, Noah — continuou o marido da minha mãe, sorrindo para mim afetuosamente. Ao lado dele, minha mãe não parava de gesticular para que eu me comportasse, sorrisse ou dissesse algo.

— Não posso dizer o mesmo — respondi, oferecendo a mão para que ele a apertasse. Sabia que estava sendo extremamente mal-educada, mas naquele momento me pareceu justo dizer a verdade. Queria deixar bem clara qual era a minha opinião em relação às mudanças em nossas vidas.

William não pareceu ofender-se. Apertou a minha mão por mais tempo que o necessário, e fiquei desconfortável.

— Sei que é uma mudança muito radical, Noah, mas quero que você se sinta em casa, que aproveite tudo o que eu posso oferecer e que, principalmente, possa me aceitar como parte da sua família... em algum momento — adicionou com segurança ao ver meu semblante de incredulidade. Minha mãe, ao lado dele, me fulminava com seus olhos azuis.

Consegui apenas concordar com a cabeça e me afastar, para que ele soltasse a minha mão. Não achava essas demonstrações de afeto agradáveis, muito menos com desconhecidos. Minha mãe tinha se casado, que bom para ela, mas aquele homem nunca seria nada para mim. Nem pai, nem padrasto, nem nada parecido. Eu já tinha pai, e um pai era mais que o suficiente.

— Que tal lhe mostrarmos a casa? — ele propôs com um sorriso enorme, alheio à minha frieza e mau humor.

— Vamos, Noah — minha mãe me animou, entrelaçando o braço no meu. Dessa maneira, não me restou alternativa, senão caminhar ao lado dela.

Todas as luzes da casa estavam acesas, por isso não perdi nenhum detalhe daquela mansão grande demais até para uma família de vinte pessoas, quanto mais para uma com quatro. O pé-direito era muito alto, e havia vigas de madeira e amplas janelas que se abriam para o lado de fora. Uma escada enorme no meio de uma sala imensa se bifurcava para os dois lados do andar superior. Minha mãe e o marido dela me arrastaram pela mansão inteira e me mostraram a sala gigante e a grande cozinha que se destacava por uma ilha exuberante, o que imaginei que minha mãe fosse adorar. Havia de tudo naquela casa: academia, piscina climatizada, salões para festas e uma grande biblioteca, o lugar que mais me deixou impressionada.

— Sua mãe diz que você gosta muito de ler e escrever — William comentou, enquanto eu sonhava acordada.

— Como milhares de pessoas — respondi afiada. Estava incomodada por ele se dirigir a mim de maneira tão amável. Queria que ele nem falasse comigo, simples assim.

— Noah — minha mãe me recriminou, cravando os olhos nos meus. Sabia que eu a estava fazendo passar vergonha, mas ela que aguentasse. Eu já sabia que teria um ano péssimo e não podia fazer nada a respeito disso.

William parecia alheio às nossas trocas de olhares e não perdeu o sorriso em nenhum momento.

Suspirei, frustrada e incomodada. Aquilo era demais: diferente, extravagante... Não sabia se eu seria capaz de me acostumar a viver em um lugar daqueles.

De repente, senti que tinha de ficar sozinha, precisava de um tempo para assimilar tudo...

— Estou cansada. Posso ir para o quarto que será o meu? — perguntei com um tom de voz menos duro.

— Claro. O seu quarto e o quarto do Nicholas ficam na ala direita do segundo andar. Você pode convidar quem quiser para visitá-la, o Nick não se importa. Além do mais, de agora em diante, vocês dividem a sala de jogos.

“A sala de jogos? Sério?”. Abri um sorriso amarelo, tentando não pensar que, dali em diante, teria que conviver também com o filho do William. Sabia apenas o que a minha mãe tinha contado sobre ele: tinha vinte e um anos, estudava na Universidade da Califórnia e era um filhinho de papai insuportável. Bom, essa última característica era por minha conta, mas com certeza seria verdade.

À medida que subíamos as escadas, não conseguia deixar de pensar que, dali em diante, teria que conviver com dois homens desconhecidos. Fazia seis anos desde a última vez que morara com um homem — meu pai. Estava acostumada a um lar só de garotas, só nós duas. Minha vida nunca foi um mar de rosas, principalmente nos primeiros onze anos. Os problemas com o meu pai marcaram a minha vida, assim como a da minha mãe.

Depois que ele foi embora, eu e minha mãe seguimos em frente e pouco a pouco construímos uma convivência de duas pessoas normais e próximas. Conforme eu crescia, minha mãe foi se tornando uma das minhas melhores amigas. Ela me dava a liberdade que eu queria, justamente porque ela

confiava em mim e eu confiava nela... Pelo menos até ela decidir jogar tudo pelos ares.

— Esse é o seu quarto — minha mãe indicou, parando diante de uma porta de madeira escura.

Percebi que ela e William estavam com certa expectativa...

— Posso entrar? — perguntei ironicamente, ao notar que eles não se afastavam da frente da porta.

— Esse quarto é o meu presente especial para você, Noah — minha mãe anunciou com olhos brilhantes e ansiosos.

Olhei para ela com cuidado. Quando ela saiu da frente, abri a porta lentamente, com medo do que poderia encontrar.

O primeiro elemento que meus sentidos captaram foi o cheiro delicioso de margaridas e mar. Meus olhos se fixaram primeiro na parede que ficava de frente para a porta, que era totalmente de vidro. A vista era tão espetacular que fiquei sem palavras pela primeira vez. Parecia que dava para ver o oceano inteiro dali. A casa devia ficar no alto de alguma serra, porque, de onde eu estava, só via o mar e o impressionante pôr do sol que acontecia naquele instante. Era alucinante.

— Meu Deus! — repeti o que parecia ser a minha nova expressão favorita. Meus olhos continuaram percorrendo o quarto. Era enorme! Na parede esquerda havia uma cama com dossel e um montão de almofadas brancas, em um jogo de cores com as paredes pintadas de um agradável tom azul-claro. Os móveis (dentre os quais se destacavam uma mesa com um computador Mac gigante, um sofá lindo, uma penteadeira com espelho e uma estante imensa com todos os meus livros) eram todos azuis e brancos. Essas cores, junto com a vista sensacional diante dos meus olhos, eram o que eu tinha visto de mais maravilhoso em toda a minha vida.

Fiquei assustada. Tudo aquilo era para mim?

— Gostou? — minha mãe perguntou às minhas costas.

— É incrível... obrigada — respondi me sentindo agradecida, mas ao mesmo tempo incomodada. Não queria que me comprassem assim. Eu nem precisava de tudo aquilo.

— Trabalhei com uma decoradora profissional por quase duas semanas... queria que tivesse tudo o que você sempre quis, mas que eu não podia dar — ela contou, emocionada. Olhei para ela por alguns instantes e percebi que seria impossível reclamar... Um quarto daqueles era o sonho de qualquer adolescente. E de qualquer mãe.

Fui para perto dela e a abracei. Já fazia pelo menos três meses que não tínhamos nenhum tipo de contato físico, e sabia que aquilo era importante para a minha mãe.

— Obrigada, Noah — ela cochichou para que só eu pudesse ouvir. — Prometo fazer todo o possível para que nós duas sejamos felizes.

— Vou ficar bem, mãe — respondi, sabendo que a nossa felicidade não dependia dela.

Minha mãe me soltou, enxugou as lágrimas que escorriam pelas bochechas e foi para perto do novo marido.

— Vamos deixar que você se instale tranquilamente — William comentou de maneira amável.

Concordei com a cabeça, sem lhe agradecer por absolutamente nada. Nada naquele quarto tinha a ver com esforço para ele. Era só dinheiro.

Fechei a porta e percebi que não havia tranca. O chão era de madeira e estava decorado com um tapete branco tão grosso que poderia até servir de cama. O banheiro era enorme, do tamanho do meu antigo quarto, e tinha ducha de hidromassagem, banheira e duas pias individuais. Fui até a janela e dei uma olhada no lado de fora. Lá embaixo ficavam o jardim dos fundos da casa, a imensa piscina e os canteiros com flores e palmeiras.

Saí do banheiro e só então me dei conta da passagem na parede bem em frente ao banheiro. Ai, meu Deus...

Atravessei o quarto e entrei no que achava ser o sonho de qualquer mulher adulta, adolescente ou menina: um *closet*. E não um *closet* vazio, mas cheio de roupas novinhas. Soltei o ar que estava segurando e comecei a passar os dedos nas peças incríveis. Todas ainda estavam com as etiquetas, e só precisei ver o preço de uma para me dar conta de como eram caras. Minha mãe tinha ficado louca. Ou quem quer que a tivesse convencido a gastar todo aquele dinheiro.

Não conseguia me livrar da incômoda sensação de que nada era real, de que logo acordaria no meu antigo quarto, com minhas roupas de sempre e minha cama de solteiro. E o pior de tudo é que eu queria acordar, desejava aquilo com todas as minhas forças, porque aquela não era a minha vida, não era o que eu queria... o que eu mais queria era voltar para casa. Senti o meu estômago embrulhar e uma angústia tão grande que me permiti cair ao chão. Apoiei a cabeça nos joelhos e respirei fundo até que fosse embora a vontade de chorar.

Como se tivesse lido meus pensamentos, minha amiga Beth me mandou uma mensagem bem naquele momento.

Chegou bem? Já tô com saudades.

Sorri para a tela e mandei uma foto minha dentro do *closet*. Imediatamente chegaram cinco emojis de boca aberta.

Te odeio! Você sabia?

Dei risada e escrevi uma mensagem.

Se dependesse de mim, dava tudo de presente pra você.
Daria tudo para estar com vocês aí, na casa do Dan, vendo um filme ou simplesmente passando um tempo no sofá imundo do seu quarto.

Aproveita, se anima! Agora você é rica!

Eu não era rica. O William era rico.

Deixei o celular no chão e abri as minhas malas. Fui logo pegando um short e uma camiseta bem simples. Não queria mudar o meu jeito nem começar a vestir roupas de marca.

Entrei no banho para me livrar de toda a sujeira e do incômodo da longa viagem. Senti-me grata por não ser uma dessas garotas que precisam fazer de tudo para ficar com o cabelo apresentável. Por sorte eu tinha herdado o cabelo ondulado da minha mãe, e foi assim que ele ficou quando terminei de secá-lo. Vesti as roupas que eu tinha escolhido e decidi dar uma volta pela casa, quem sabe ir atrás de algum lanche.

Era estranho caminhar por lá assim, sozinha... Eu me sentia uma intrusa. Ia demorar para me acostumar a morar naquele lugar, mas principalmente para me habituar com todos os luxos e exageros. Na antiga casa, era só eu falar um pouco mais alto que conseguia conversar com a minha mãe de qualquer cômodo. Naquele lugar, isso seria impossível.

Fui para a cozinha, rezando para não me perder. Estava morrendo de fome, precisava comer alguma besteira urgentemente.

Infelizmente, quando entrei, não me vi sozinha.

Havia alguém vasculhando a geladeira, e só dava para ver o topo da cabeça da pessoa. Alguém de cabelo escuro. No exato momento em que eu ia falar alguma coisa, um latido ensurdecido me fez gritar de maneira exagerada, parecendo uma criança.

Virei-me assustada justo quando a cabeça na geladeira emergia atrás da porta para ver quem estava fazendo tanto escândalo.

Mas não fora a pessoa que me assustara: ao lado da ilha da cozinha estava um cachorro preto, lindo, mas com olhos de quem queria me devorar aos pouquinhos. Se não me engano, era um labrador, mas não tenho certeza. Meus olhos se desviaram do cachorro para o rapaz ao seu lado.

Observei com curiosidade e ao mesmo tempo com surpresa aquele que certamente era o filho do William, Nicholas Leister. A primeira coisa que veio à minha cabeça quando olhei para ele foi uma exclamação: “Que olhos lindos!”. Eram de um azul-celeste tão claro quanto as paredes do meu quarto e contrastavam de maneira impressionante com a tonalidade escura de seus cabelos, que estavam despenteados e úmidos de suor. Parecia que tinha acabado de se exercitar, porque estava usando calça esportiva e camiseta regata. Meu Deus, ele era muito bonito, isso eu tinha que admitir, mas não deixei que esse pensamento me fizesse esquecer de quem estava na minha frente: meu novo pseudoirmão, a pessoa com quem eu teria que conviver por um ano. Algo que eu tinha a impressão de que seria uma tortura... E o cachorro continuava grunhindo como se pudesse ler meus pensamentos.

— Você é o Nicholas, não é? — perguntei, tentando controlar o medo que eu sentia do animal endemoniado, que não parava de rosnar. Fiquei surpreendida e irritada pelo modo como dirigiu o olhar para o animal e sorriu.

— Eu mesmo — respondeu, fixando os olhos em mim novamente. — Você deve ser a filha da nova esposa do meu pai — comentou, e não acreditei em como ele pôde dizer aquilo de maneira tão fria.

Percebi que ele estava revirando os olhos.

— E o seu nome é...? — perguntou, e não pude evitar arregalar os olhos com espanto e incredulidade.

Ele não sabia o meu nome? Nossos pais tinham se casado, minha mãe e eu estávamos nos mudando para lá, e ele nem sequer sabia como eu me chamava?

2

NICK

— Noah — ela respondeu, secamente. — Meu nome é Noah.

Achei engraçada a maneira como ela me fulminou com o olhar. Minha nova irmã postiça pareceu ofendida porque não me importava nem um pouco com qual era o seu nome ou o da mãe dela, apesar de ter que admitir que me lembrava do nome da mãe. Era impossível esquecer! Nos três meses anteriores, ela tinha passado mais tempo nesta casa do que eu mesmo, então, sim, Raffaella Morgan havia entrado na minha vida e trouxera companhia.

— Não é um nome masculino? — perguntei, sabendo que isso a deixaria mais brava. — Sem querer ofender, claro — adicionei, ao perceber que os seus olhos cor de mel se arregalaram com surpresa.

— Também é feminino — ela respondeu um segundo depois. Observei como os seus olhos passavam de mim para o Thor, meu cachorro, e não pude evitar dar mais um sorriso. — Imagino que no seu vocabulário limitado não exista a palavra “unissex” — ela complementou, dessa vez sem olhar para mim. Thor não parava de rosnar e mostrar os dentes. Não era culpa dela. O cachorro fora treinado para desconfiar de desconhecidos. Bastava um comando meu para que voltasse a ser o cachorro carinhoso de sempre, mas estava divertido ver a cara de medo da minha nova irmãzinha.

— Não precisa se preocupar, tenho um vocabulário muito extenso — rebati, fechando a geladeira e a encarando de verdade. — Inclusive, há uma palavra que o meu cachorro adora. Começa com A, depois vem um *ta* e termina com *car*.

O medo tomou conta do rosto dela e tive que segurar uma gargalhada. Era alta, devia ter entre um e sessenta e oito e um e setenta, aproximadamente. Também era magra e muito bonita, precisava admitir.

Mas tinha cara de criança, o que fazia qualquer pensamento libidinoso desaparecer. Se não me engano, ela não tinha nem sequer terminado a escola, o que se refletia claramente no short, na camiseta branca e no All Star preto que ela estava usando. Só faltava um rabo de cavalo para completar o pacote da típica adolescente que acampa na fila para comprar o álbum novo de algum cantor que faça as meninas de quinze anos suspirarem. No entanto, o que mais me chamou a atenção foi o cabelo, que tinha uma cor muito diferente, entre loiro e ruivo.

— Que gracinha! — ela exclamou ironicamente, mas completamente assustada. — Mande ele sair daqui, parece que ele vai me matar a qualquer momento — pediu, dando passos para trás. No mesmo instante em que ela falou, Thor deu um passo à frente.

“Bom menino”, pensei. Talvez minha nova irmã fake precisasse mesmo aprender uma lição, ter uma recepção especial que deixasse bem claro de quem era a casa e o quanto ela era uma visita indesejada.

— Thor, vai! — ordenei com autoridade. Noah olhou primeiro para ele, depois para mim, e deu mais alguns passos para trás, até se chocar com a parede da cozinha.

Thor avançou na direção dela aos poucos, mostrando os dentes caninos e rosnando. Dava bastante medo, mas eu sabia que ele não faria nada... Pelo menos, não se eu não mandasse.

— O que você está fazendo? — ela questionou, olhando nos meus olhos. — Não tem graça nenhuma.

Tinha, sim, muita graça.

— Meu cachorro costuma se dar bem com todo mundo. É estranho que ele queira tanto atacá-la... — comentei, me divertindo e observando como ela tentava controlar o próprio medo.

— E você vai fazer alguma coisa? — ela perguntou com os dentes cerrados e os olhos cravejados em mim.

“Fazer alguma coisa? Que tal mandá-la de volta para o lugar de onde nunca deveria ter saído?”

— Você está aqui há uns... Há quanto tempo? Cinco minutos? E já está dando ordens? — eu disse, enquanto me aproximava da torneira da cozinha e me servia de um copo d'água. Meu cachorro, enquanto isso, rosnava. — Acho melhor deixá-lo aqui um pouquinho para que ele se acostume com você.

— Você bateu a cabeça quantas vezes quando era criança, idiota? Tira esse cachorro de cima de mim!

Virei para ela um pouco surpreso com tamanha insolência. Ela tinha acabado de me xingar?

Acho que até o meu cachorro percebeu, porque deu mais um passo na direção dela, deixando-a quase sem espaço para se mover. Então, antes que eu pudesse reagir, Noah se virou assustada e pegou a primeira coisa que viu pela frente no balcão: uma frigideira. Antes que ela pudesse bater no pobre animal, fui em sua direção, puxei o Thor pela coleira e, ao mesmo tempo, com a outra mão, detive o movimento do braço da garota.

—Que droga você está fazendo? — gritei, pegando a frigideira e a colocando de volta no balcão. Meu cachorro se retorceu furioso e Noah se encolheu contra o meu tórax, dando um gritinho abafado.

Fiquei surpreso que tenha se aproximado de mim para que eu a protegesse, já que era eu quem a estava ameaçando.

— Thor, sentado!

Meu cachorro relaxou no mesmo instante, sentou-se e começou a abanar o rabo com felicidade.

Baixei o olhar para Noah, que agarrava minha camiseta com as duas mãos. Sorri diante da situação, até ela perceber o que estava fazendo. Ergueu as mãos e me afastou com um empurrão.

— Por acaso você é idiota?

— Primeiro, que essa seja a última vez que você ameaça o meu cachorro. Segundo — ameacei, cravando meus olhos nos dela, e uma parte do meu cérebro prestou atenção nas sardas em seu nariz e nas bochechas —, é melhor parar de me ofender, senão teremos realmente um problema.

Ela olhou para mim de maneira esquisita. Seus olhos se fixaram em mim e depois baixaram para o meu tórax. Parecia que era incapaz de continuar olhando para mim.

Dei um passo para trás. Minha respiração estava acelerada e eu não sabia por quê. Eu já tinha chegado ao limite da convivência com ela, e só nos conhecíamos havia uns cinco minutos.

— Parece que vamos nos dar bem, irmãzinha — eu disse, lhe dando as costas, pegando meu sanduíche do balcão e indo para a porta.

— Não me chame assim, não sou sua irmã nem nada parecido — rebateu. Falou com tanto ódio e sinceridade que me virei para encará-la de novo. Estava com os olhos brilhando em razão do que acabara de dizer, e pude

notar que ela nutria o mesmo desgosto que eu pelo fato de nossos pais terem se casado.

— Nisso nós concordamos... irmãzinha — repeti, virando os olhos e notando que suas pequenas mãos estavam se fechando.

Naquele momento ouvi um barulho às minhas costas. Virei-me e dei de cara com meu pai... e sua esposa.

— Então, vocês já se conheceram — meu pai comentou, entrando na cozinha com um sorriso de orelha a orelha. Fazia muito tempo eu não o via sorrindo daquela maneira e no fundo eu estava feliz por ele, por vê-lo reconstruindo a própria vida. Mesmo que no caminho ele tenha deixado algo para trás: eu.

Raffaella estava perto da porta e sorriu com carinho para mim, o que acabei respondendo com um tipo de careta, a expressão mais próxima de um sorriso que ela conseguiria arrancar de mim. Eu não tinha nada contra ela e não tinha nenhuma relação admirável ou afetuosa com meu pai, mas estava perfeitamente de acordo com a criação daquela muralha que nos separava do mundo exterior. O que aconteceu com a minha mãe marcou profundamente as nossas vidas, mas principalmente a minha, que era filho dela e tive que vê-la indo embora sem olhar para trás.

Desde então, passei a desconfiar das mulheres. Não queria saber delas, a não ser para transar ou me divertir um pouco nas festas. Não precisava de mais nada.

— Noah, você viu o Thor? — Raffaella perguntou para a filha, que continuava perto do balcão sem conseguir esconder o mau humor.

Então, Noah fez algo que me deixou desconcertado: deu um passo adiante, se agachou e começou a chamar o cachorro.

— Thor, vem cá, vem cá... — ela o chamou de maneira carinhosa e amigável. Tinha que admitir: era corajosa. Agorinha mesmo estava tremendo de medo por causa daquele cão.

Fiquei surpreso por ela não ter ido correndo dedurar a situação para a mãe dela.

Meu cachorro foi em sua direção, abanando o rabo energicamente. Virou a cabeça para mim, depois de volta para ela, e com certeza achou que algo estava errado por causa da cara de sério que fiz.

Com o rabo entre as pernas, ele se aproximou de mim e sentou-se ao meu lado. Minha pseudoirmã ficou completamente sem palavras.

— Bom garoto — eu o parabeneizei com um enorme sorriso.

Noah se levantou com tudo, lançou para mim um olhar fulminante com seus olhos marcados por cílios grossos e se virou para a mãe.

— Vou para a cama — anunciou com contundência.

Eu pensei em fazer a mesma coisa, ou melhor, completamente o contrário, já que eu ia a uma festa na praia naquela noite.

— Vou sair hoje, não precisam me esperar — informei, sentindo uma estranheza por usar o plural.

Quando eu estava prestes a sair da cozinha, meu pai nos parou: a mim e minha irmãzinha.

— Hoje vamos sair para jantar, nós quatro — afirmou, olhando principalmente para mim.

“Só pode ser brincadeira!”

— Desculpa, pai, mas combinei de...

— Estou muito cansada por causa da viagem e...

— É o nosso primeiro jantar em família e quero que os dois estejam presentes — meu pai sentenciou, interrompendo-nos. A meu lado, Noah deixou escapar todo o ar que estava segurando.

— Não podemos ir amanhã? — ela rebateu.

— Desculpe-me, querida, mas amanhã teremos uma festa da empresa — meu pai respondeu.

Foi tão estranha a maneira como ele se dirigiu a ela... Ela era praticamente uma estranha! Eu já estava na faculdade, cuidava da minha própria vida... Em outras palavras, eu já era um adulto, mas Noah? Cuidar de uma adolescente deve ser o pesadelo de qualquer casal em lua de mel.

— Noah, vamos jantar juntos e ponto-final. Não se fala mais disso — Raffaella se intrometeu na conversa, cravando os olhos claros na filha.

Decidi que seria melhor ceder daquela vez. Depois de jantar com eles, eu iria para a casa da Anna, minha amiga... *especial* para irmos à festa mais tarde.

Noah resmungou algo incompreensível, passou entre os dois e seguiu para as escadas.

— Preciso de meia hora para tomar um banho — pedi aos dois, apontando para minha roupa suada.

Meu pai concordou, satisfeito; a mulher dele sorriu para mim e percebi que naquela noite eu tinha sido o filho adulto e responsável. Ou pelo menos havia passado essa impressão.

3

NOAH

Mas que grande IDIOTA!

Enquanto eu subia as escadas pisando o mais forte que podia, não saíam da minha cabeça aqueles últimos dez minutos que tinha passado com o idiota do meu novo irmão postiço. Como era possível ser tão estúpido, convencido e psicopata ao mesmo tempo e em níveis tão altos? Meu Deus! Não dava para aguentar, ele era insuportável. Eu já tinha o pé atrás com ele pelo simples fato de ser o filho do novo marido da minha mãe, mas o que acontecera elevou o meu ranço a níveis estratosféricos.

Era esse o rapaz perfeito e adorável de quem a minha mãe tanto falava?

Odiei o jeito como ele falou comigo, a maneira como ficou me olhando. Como se fosse melhor do que eu pelo simples fato de ter dinheiro. Ele me mediu de cima a baixo e depois riu... Ficou rindo de mim bem na minha cara.

Entrei no meu quarto batendo a porta, mas a casa era tão enorme que ninguém ouviria o barulho. Já era noite lá fora, e uma luz tênue estava entrando pela janela. Com a escuridão, o mar parecia tingido de preto e não dava para perceber direito onde ele terminava e o céu começava.

Nervosa, acendi logo a luz.

Fui direto para a minha cama, joguei-me nela e fiquei observando as vigas do teto. Ainda seria obrigada a jantar com eles. Será que a minha mãe não percebia que a coisa que eu menos queria era estar rodeada de pessoas? Precisava ficar sozinha, descansar, digerir todas as mudanças que estavam acontecendo na minha vida, aceitá-las e aprender a viver com elas, mesmo que, no fundo, eu soubesse que não iria me adaptar.

Peguei meu celular e fiquei na dúvida entre ligar ou não para o meu namorado, Dan. Não queria que ele ficasse preocupado ao ouvir a amargura

na minha voz... Estava há apenas uma hora na Califórnia e já sentia saudades.

Depois de uns dez minutos, minha mãe entrou no quarto. Primeiro, ela tentou me chamar, mas, ao ver que eu não respondia, entrou sem titubear.

— Noah, em quinze minutos vamos todos nos reunir lá embaixo — ela disse, olhando para mim com paciência.

— Você fala como se eu fosse demorar uma hora e meia pra descer essas escadas — respondi, afundada na cama. Minha mãe tinha soltado sua franja loira e a penteara de maneira muito elegante. Não estávamos nem há duas horas nessa casa e a sua aparência já estava diferente.

— Vim avisá-la porque você precisa se arrumar e se vestir para o jantar — ela respondeu, ignorando o meu tom.

Olhei para ela sem entender, depois baixei meu olhar para as roupas que eu estava usando.

— O que há de errado com as minhas roupas? — perguntei na defensiva.

— Você está com roupa de ficar em casa, Noah, e o nosso jantar vai ser chique. Não estava pensando em ir assim, né? De short e camiseta? — ela questionou, impaciente.

Levantei-me e bati de frente com ela. Minha paciência tinha acabado.

— Vamos ver se entende, mãe: eu não quero jantar com você e com o seu marido, não me interessa conhecer o demônio malcriado do filho dele e não estou com um pingote de vontade de me arrumar — desabafei, tentando controlar a vontade de pegar o carro e dirigir de volta para a minha cidade.

— Já chega de se comportar como se tivesse cinco anos. Vá se arrumar para jantar comigo e com a sua nova família — ela retrucou em tom duro. No entanto, ao notar minha expressão, baixou a voz e adicionou: — Não vai ser assim todos os dias, só esta noite. Por favor, faça isso por mim.

Respirei fundo várias vezes, engoli todas as coisas que queria gritar na cara dela e concordei com a cabeça.

— Só esta noite.



Enquanto minha mãe saía, entrei no *closet*. Com raiva de tudo e todos, comecei a procurar uma roupa que me agradasse e que parecesse confortável. Também queria demonstrar o quanto eu podia ser adulta. Ainda estava com o semblante de incredulidade e galhofa de Nicholas gravado na

minha mente, o momento em que me mediu inteira com aqueles olhos claros e arrogantes. Ele olhou para mim como se eu fosse uma criança pronta para ser assustada, e ele pareceu se divertir quando me ameaçou com aquele maldito cachorro.

Minha mala estava aberta no chão do *closet*. Ajoelhei-me na frente dela e comecei a fuçar as minhas roupas. Minha mãe certamente esperava que eu descesse com alguma das roupas que ela havia comprado, mas isso nem passava pela minha cabeça. Se eu cedesse em relação a isso, abriria um precedente. Aceitar as roupas seria o equivalente a aceitar essa nova vida, seria como perder a minha dignidade.

Com a cabeça explodindo de raiva, escolhi meu vestido preto dos Ramones. Quem poderia dizer que ele não era elegante? Olhei ao redor em busca de algo para calçar. Não era muito fã de sapatos de salto, porém, se eu descesse usando meus tênis All Star, minha mãe com certeza perderia a paciência e me obrigaria a trocar. No fim, escolhi umas sandálias que tinham um saltinho pequeno, algo que eu poderia aceitar.

Aproximei-me do espelho gigante que havia em uma das paredes e me observei com calma. Minha amiga Beth com certeza aprovaria, e, se não me engano, Dan sempre tinha achado esse vestido muito sexy...

Sem pensar mais, soltei os cabelos e os penteei. Também apliquei um pouco de manteiga de cacau nos lábios. Satisfeita com o resultado, peguei uma bolsa pequena e fui para a porta.

Justo quando a abri, dei de cara com Nicholas, que parou um momento para me observar. Thor, o demônio, estava ao lado dele, e não pude evitar um passo para trás.

Meu novo irmão fake sorriu por algum motivo inexplicável e voltou a medir meu corpo e meu rosto. Ao fazer isso, seus olhos brilharam, revelando algum tipo de emoção obscura e indecifrável. Olhos que ficaram tempo demais no meu vestido.

— Não ensinam as pessoas a se vestir na Imbecilândia? — ele disse com sarcasmo.

Sorri de maneira angelical.

— Ensinam, sim. O professor era um babaca igual a você, acho que por isso não prestei muita atenção.

Ele não esperava por essa resposta, e eu não esperava que um sorriso se desenhasse naqueles lábios sensuais. Olhei para ele por um momento e voltei a me assustar com sua altura e aparência forte. Estava usando calça

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Minha culpa"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).